

Orquestra Gulbenkian

**Long Yu
Ray Chen**



25 + 26 MAIO 2018



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NANIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VdA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910
Jubileu 75º anos de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Musical Center of Lisbon, for Santa Casa

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Orquestra Gulbenkian

25 MAIO
SEXTA

21:00 — Grande Auditório

26 MAIO
SÁBADO

19:00 — Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian

Long Yu Maestro

Ray Chen Violino

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Concerto para Violino e Orquestra em Ré maior, op. 35

Allegro moderato

Canzonetta: Andante –

Finale: Allegro vivacissimo

INTERVALO

Sinfonia n.º 6, em Si menor, op. 74, *Patética*

Adagio – Allegro non troppo

Allegro con grazia

Allegro molto vivace

Adagio lamentoso – Andante

Duração total prevista: c. 1h 50 min.

Intervalo de 20 min.

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Votkinsk, 7 de maio de 1840

São Petersburgo, 6 de novembro de 1893



PIOTR ILITCH TCHAIKOVSKY. MUSEU NACIONAL DE SMOLENSK. © DR

Concerto para Violino e Orquestra em Ré maior, op. 35

COMPOSIÇÃO: 1878

ESTREIA: Viena, 4 de dezembro de 1881

DURAÇÃO: c. 35 min.

O Concerto para Violino e Orquestra em Ré maior, op. 35, é uma das obras mais conhecidas da produção concertante do compositor russo Piotr Ilitch Tchaikovsky. Foi composto entre março e abril de 1878, numa fase especialmente difícil da vida do músico, marcada pelo fracasso do seu casamento com Antonina Ivanovna Miliukova. Como forma de combater os sentimentos depressivos causados por uma relação fria e indefinida que durou apenas algumas semanas, Tchaikovsky refugiou-se na idílica localidade de Clarens, na Suíça, onde veio a completar a partitura, na esteira de valorosa tradição idiomática, da qual sobressaem os contributos de Ludwig van Beethoven (1770-1827), Niccolò Paganini (1782-1840), Robert Schumann (1810-1856) e Camille Saint-Saëns (1835-1921). A descoberta da *Sinfonia Espanhola*,

para violino e orquestra, de Édouard Lalo (1823-1892) inspirou o universo feérico da composição, repleta de temas contrastantes, muitos dos quais com acentuado pendor virtuosístico, mas sempre imbuídos de expressão musical intrínseca, por vezes tributária da música tradicional, como acontece na nostálgica *Canzonetta* ou no inquieto andamento final, *Allegro vivacissimo*, a fazer apelo ao *verbunkos* da música cigana.

Na sua origem, o Concerto foi pensado em função dos dotes assombrosos do violinista húngaro Leopold von Auer (1845-1930), mas em vista dos primeiros esboços, o virtuoso emitiu um veredito negatório, considerando a fasquia de dificuldades técnicas acima daquilo que era capaz de executar. Após algum trabalho de revisão e aperfeiçoamento da parte solista, a obra veio a ser estreada pelo violinista russo Adolph Davidovich Brodsky (1851-1929), a quem o compositor dedicou a partitura. O evento, decorrido em Viena, a 4 de dezembro de 1881, sob a direção do maestro Hans Richter, despertou diferentes reações entre o público

e a crítica, mas ficaram célebres as tiradas cáusticas do esteta Eduard Hanslick: “obra longa e pretensiosa”; “tresanda ao ouvido”; “o violino não foi tocado, mas espancado”. Apesar das críticas, e atendendo ao desenvolvimento ulterior do género, o Concerto para Violino de Tchaikovsky representa, sem dúvida, um dos pontos altos da escrita romântica para o carismático instrumento, conjugando o tecnicismo com uma verve emocional profunda, capaz de arrebatat gerações de intérpretes e melómanos.

Sinfonia n.º 6, em Si menor, op. 74, Patética

COMPOSIÇÃO: 1893

ESTREIA: São Petersburgo, 28 de outubro de 1893

DURAÇÃO: c. 45 min.

Muito posterior ao Concerto para Violino e Orquestra em Ré maior, a Sinfonia n.º 6, em Si menor, op. 74, *Patética*, foi composta entre os meses de fevereiro e agosto de 1893. Pressentindo a morte, Tchaikovsky enveredou nesta obra por uma profunda retrospectiva autobiográfica, recordando aquelas que foram as experiências marcantes da sua vida. O irmão do compositor, Modest Tchaikovsky (1850-1916), mostrou-se particularmente sensível às angústias e aos conflitos de personalidade exibidos no último andamento, *Adagio lamentoso*, vindo a sugerir o subtítulo *Patética*, pelo qual a obra é também conhecida. A estreia da Sinfonia n.º 6 sobreveio em São Petersburgo, a 28 de outubro de 1893, a pouco dias do fim trágico do músico. Com efeito, foi no intervalo da segunda audição da obra, ocorrida na mesma cidade de São Petersburgo, a 18 de novembro de 1893, que ocorreu a morte de Tchaikovsky, em circunstâncias que nunca foram cabalmente explicadas.

Dos primeiros compassos do primeiro andamento, em *Adagio*, desprendem-se, desde logo, signos angustiados, por entre as regiões mais graves das cordas e dos sopros. O tema principal, já esboçado pelo fagote, vem a ser o porta-voz do *Allegro non troppo*,

num crescendo de intensidade dramática que somente virá a ser interrompido com o aparecimento do segundo tema, em modo maior, nos violinos. É o inconfundível Tchaikovsky, repleto de serenidade romântica, aquele que aqui assoma, num dos gestos melódicos mais belos do seu legado sinfónico. No desenvolvimento acentuam-se os traços de dramatismo já anunciados, numa sucessão de patamares sonoros agitados, com o emprego de todos os naipes orquestrais. Ao longe, os ecos reconhecíveis do *Requiem* ortodoxo, numa evocação de atmosfera fúnebre e de pressentimento do destino trágico. Outra evocação, desta feita mais positiva e alegre, é a da dança, presente no segundo andamento, *Allegro con grazia*; como que uma reminiscência de tempos felizes e despreocupados, com os cenários campestres e populares a servirem de inspiração. Do ponto de vista rítmico, a principal singularidade deste andamento reside no recurso ao compasso de cinco tempos, muito pouco usual entre os andamentos homólogos.

Num plano de maior experimentação é colocado o terceiro andamento, *Allegro molto vivace*, o qual evidencia grande diversidade de elementos rítmicos e de motivos melódicos a envolver todos os recursos tímbricos dos instrumentos orquestrais. No seu desenho global arrojado e inquieto, o *Allegro* parece homenagear o legado beethoveniano e o pendor inconformista dos seus *scherzi*, num último sopro de alegria e vivacidade, antes da descida aos abismos reflexivos do *Adagio lamentoso* final. Neste último andamento, o compositor parece ter atingido a quinta-essência do seu idioma sinfónico, com a conjugação de um leque assinalável de sentimentos e de estados de espírito. A angústia, a tristeza e o arrependimento pontuam o discurso musical, mas dele desprendem-se também notas subtis de esperança na redenção pela fé e pelo amor.

RUI CABRAL LOPES

Long Yu

Maestro



O maestro chinês Long Yu é o Diretor Musical da Orquestra Sinfónica de Xangai e o Maestro Convidado Principal da Filarmónica de Hong Kong. É também Diretor Artístico e Maestro Principal da Filarmónica da China, fundador e Diretor Artístico do Festival de Música de Pequim, Codiretor do Festival de Verão MISA de Xangai, e cumpre a 16.^a Temporada como Diretor Musical da Sinfónica de Guangzhou (Cantão). Long Yu nasceu em 1964 no seio de uma família de músicos de Xangai. Estudou no Conservatório de Xangai e na Hochschule der Kunst, em Berlim. Em 1992 foi nomeado Maestro Principal do Teatro Central de Ópera de Pequim, função que desempenhou durante três anos. Ao longo de cinco anos, dirigiu também produções de ópera para o Urban Council of Hong Kong. Ao longo de uma distinta carreira internacional, dirigiu muitas das mais prestigiadas orquestras e companhias de ópera do mundo. Para além dos seus compromissos na China e da sua estreia no Grande Auditório Gulbenkian, os seus compromissos na presente temporada incluem regressos à direção da Filarmónica de Nova

Iorque, da Orquestra de Paris, da Philharmonia Orchestra, da Royal Liverpool Philharmonic, da Orquestra do Tonhalle de Zurique, da Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse e da Orquestra Nacional de Lyon.

O maestro Long Yu estreou-se à frente da Sinfónica de Guangzhou em 1993 e, em 2003 tornou-se Diretor Musical desta orquestra. Ao longo deste seu mandato, realizou digressões na Europa e no Egito, que incluíram concertos no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris, no Conservatório do Luxemburgo, no Real Concertgebouw de Amesterdão e na Ópera do Cairo. Ao longo do seu brilhante percurso, dirigiu muito solistas de renome como Alison Balsom, Sumi Jo, Lang Lang, Yo-Yo Ma, Mischa Maisky, Maxim Venerov, ou Yuja Wang. Em 2008, sob a direção de Long Yu, a Filarmónica da China atuou pela primeira vez no Vaticano, no Auditório Paulo VI. O concerto, ao qual assistiu o Papa Bento XVI, constituiu um momento importante no âmbito da aproximação contemporânea entre as culturas oriental e ocidental.

Ray Chen

Violino



RAY CHEN © JULIAN HARGREAVES

Ray Chen nasceu em Taiwan, mas cresceu na Austrália. Aos quinze anos ingressou no Curtis Institute of Music, em Filadélfia, nos Estados Unidos da América, onde estudou com Aaron Rosan, com o apoio da Young Concert Artists. Vencedor dos concursos internacionais Yehudi Menuhin (2008) e Queen Elisabeth (2009), começou a apresentar-se em prestigiados palcos na Europa, na Ásia, nos Estados Unidos da América e na Austrália, sendo acompanhado por importantes orquestras como a Filarmónica de Londres, a National Symphony Orchestra, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Filarmónica de Munique, a Filarmónica do Teatro alla Scala de Milão, a Sinfónica SWR (Estugarda), a Filarmónica de Los Angeles, a Sinfónica de São Petersburgo, a Sinfónica de São Francisco, a Sinfónica de Pittsburgh, ou a Orquestra de Câmara da Rádio da Baviera. Na presente temporada estreia-se com a Orquestra Gulbenkian, sob a direção do maestro chinês Long Yu. Ao longo do seu percurso, apresentou-se com Riccardo Chailly, Vladimir Jurowski, Sakari Oramo, Manfred Honeck, Daniele Gatti, ou Kirill Petrenko, entre outros maestros de renome internacional. De 2012 a 2015, foi artista

residente do Konzerthaus de Dortmund e na presente temporada “Artista em Destaque” da Sinfónica da Rádio de Berlim. Apresentou-se também em eventos de grande destaque mediático como o *Dia da Bastilha*, em França, o Concerto do Prémio Nobel, em Estocolmo, e os *BBC Proms*, em Londres.

A dedicação de Ray Chen à divulgação musical, nomeadamente através da utilização das redes sociais, é também um aspeto importante da sua atividade. Através da produção de uma série de vídeos que apresentam a música de um modo informal e descontraído, inspira as novas gerações de músicos e contribuiu para a formação de novos públicos.

Depois de três lançamentos discográficos para a etiqueta Sony, que foram muito bem recebidos pela crítica – tendo o primeiro álbum, intitulado *Virtuoso* (Bach, Franck, Tartini, Wieniawski) recebido um prémio *ECHO Klassik* em 2017 – o jovem violinista assinou com a editora Decca. Ray Chen toca o violino Stradivarius “Joachim”, de 1715, por gracioso empréstimo da Nippon Music Foundation. Este instrumento foi propriedade do famoso violinista húngaro Joseph Joachim (1831-1907).

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA - MÀRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian

realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas.

No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. A partir da temporada 2018-2019, o maestro Lorenzo Viotti assumirá as funções de Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian e o maestro Giancarlo Guerrero as funções de Maestro Convidado Principal.

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS

David Lefèvre *Concertino Principal**
Francisco Lima Santos
1.º Concertino Auxiliar
Bin Chao *2.º Concertino Auxiliar*
Tamila Kharambura
*2.º Concertino Auxiliar**
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
João Castro*
Tomás Costa*
Manuel Abecasis*
César Nogueira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1.º Solista*
Jordi Rodriguez *1.º Solista*
Cecília Branco *2.º Solista*
Stephanie Abson
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Ann Vitorino de Almeida*
David Ascensão*
Catarina Silva Bastos*
Félix Duarte*
Miguel Simões*
Mafalda Vilan Pires*
Mafalda Rodrigues*

VIOLAS

Samuel Barsegian *1.º Solista*
Lu Zheng *1.º Solista*
Isabel Pimentel *2.º Solista*

Patrick Eisinger

Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Nuno Soares*
Chiara Antico*
Ricardo Mateus*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1.º Solista*
Marco Pereira *1.º Solista*
Martin Henneken *2.º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Jaime Polo*
Fernando Costa*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1.º Solista*
Domingos Ribeiro *1.º Solista*
Manuel Rego *2.º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann
Romeu Santos*

FLAUTAS

Cristina Ánchel *1.º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *2.º Solista*
Ana Filipa Lima *2.º Solista**

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1.º Solista*
Nelson Alves *1.º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2.º Solista*
Corne inglês

CLARINETES

Esther Georgie *1.º Solista*
Iva Barbosa *1.º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2.º Solista*
Clarinete baixo
Bruno Graça *2.º Solista**

FAGOTES

Ricardo Ramos *1.º Solista*
Vera Dias *1.º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2.º Solista*

TROMPAS

Gabriele Amarù *1.º Solista*
Kenneth Best *1.º Solista*
Eric Murphy *2.º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade
2.º Solista
André Gomes *2.º Solista**
Alexandre Pereira *2.º Solista**

TROMPETES

Adrian Martinez *1.º Solista*
Paulo Carmo *1.º Solista Auxiliar**
David Burt *2.º Solista*

TROMBONES

Rui Fernandes *2.º Solista*
Pedro Canhoto *2.º Solista*
André Melo *1.º Solista**

TROMBONE BAIXO

Thierry Redondo *2.º Solista**

TUBA

Amílcar Gameiro *1.º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1.º Solista*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2.º Solista*
José Vitorino *2.º Solista**
Rodrigo Azevedo *2.º Solista**

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

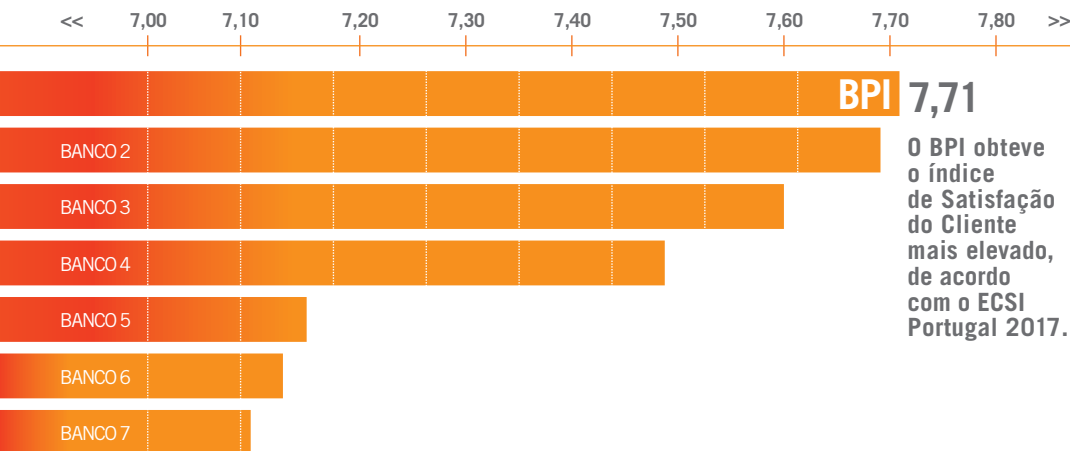
Américo Martins
Marta Andrade
Inês Rosário
Leonor Azedo
Raquel Serra
Guilherme Baptista

Nº1 na Satisfação dos Clientes.

O BPI é líder pelo 2º ano consecutivo na Satisfação dos Clientes, de acordo com o Índice Nacional de Satisfação do Cliente - ECSI Portugal 2017.



Este índice, baseado numa metodologia internacional comum, permite avaliar a qualidade dos bens e serviços disponíveis no mercado nacional, em vários sectores de actividade, com base em 8 dimensões: imagem, expectativas dos Clientes, qualidade apercebida, valor apercebido (relação preço/qualidade), satisfação, reclamações, confiança e lealdade. O ECSI Portugal é um estudo independente, desenvolvido anualmente pelo Instituto Português da Qualidade, pela Associação Portuguesa para a Qualidade e pela NOVA *Information Management School* da Universidade Nova de Lisboa.



O BPI obteve o índice de Satisfação do Cliente mais elevado, de acordo com o ECSI Portugal 2017.

Este estudo utiliza uma escala de satisfação de 1 a 10 e é realizado com recurso a 250 entrevistas telefónicas a Clientes de cada Banco/Marca estudado, com base numa amostra seleccionada de modo aleatório e extraída da população portuguesa.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA

Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO

AH-HA

TIRAGEM

700 exemplares

PREÇO

2€

Lisboa, Maio 2018

